

CORRUPÇÃO: UM “MAL” E SUA REONSABILIDADE MORAL¹

Frei Nilo Agostini, ofm

A corrupção se apresenta, em nossos dias, como um escândalo moral de graves proporções. Trata-se de uma realidade que, por um lado, revela um ser humano em sua “condição” de fragilidade e imperfeição e, por outro lado, aponta claramente para responsabilidades morais, imputáveis àqueles que as praticam. Hoje, tomamos consciência com mais clareza do quanto as práticas de corrupção se alastram em todos os níveis da sociedade e invadem ambientes que, até há pouco, nos pareciam intocáveis.

Armando Serra Negra - Em que medida a corrupção é inerente à natureza humana?

Frei Nilo Agostini – O ser humano tem um desejo ilimitado de realização e felicidade. Nem sempre, porém, ele busca saciar-se naquilo que pode cabalmente realizá-lo. Resvala, não raro, na frustração da infelicidade. Entrega-se facilmente ao desejo de consumir, à busca do poder e às promessas mirabolantes da técnica para preencher sua vida. Cai na ilusão de coisas finitas. Não demora em descobrir a parcialidade de suas escolhas. Engalfinha-se facilmente por vias que não preenchem a vida. Então, o mal surge e instala-se, atingindo o seu âmago, sem conseguir explicá-lo convincentemente. Realidade cotidiana, espectro que se alastra na sociedade, o mal acompanha o ser humano como uma interrogação desde os primórdios. Os grandes textos fundadores de nossa cultura no-lo apontam. Desde a Bíblia (em especial Gênesis, Salmos e Jó), passando pelas tragédias gregas e a literatura através dos séculos, perfilam-se interrogações, recriminações e figuras terríveis para evocar o mal.

¹ Este texto é fruto de uma entrevista realizada pelo jornalista Armando Serra Negra do jornal Diário do Comércio de São Paulo. Esta é a versão mais longa da entrevista. Uma versão mais breve foi publicada nos dias 1, 2 e 3 de setembro de 2012; ano 87, n. 23701, p. 7.

Armando Conceição da Serra Negra é formado em Letras (Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Jornalismo pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM). Trabalha como repórter do jornal Diário do Comércio, de São Paulo.

Frei Nilo Agostini, ofm, teólogo que atua na área da ética e/ou da moral, é autor de vários livros, entre eles *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*; *Moral cristã: Temas para o dia a dia* e *Ética: Diálogo e Compromisso*.

A corrupção, sob múltiplas formas, translitera o mal e aninha-o no próprio *ethos* humano como perversão que trai a vida, violando a integridade da pessoa humana e suga a natureza, numa depredação voraz e sem limites. A corrupção, travestida de formas variadas, faz-se presente... e parece dominar. Não adianta fazer de conta que tudo está bem, criando ilusões e simulando mundos paradisíacos, numa fuga da realidade do mal que está aí diante de nós. O mal campeia, sim, por todos os lados. Destroça a vida, depreda a natureza, desequilibra o humano em suas relações fundamentais. Quer fazer do próprio Deus um comércio lucrativo, no mercado onde a vida já foi sugada, a natureza tragada e a transcendência reduzida.

A corrupção é antes de tudo uma constatação. Fere o ser humano em sua busca de querer viver, em seu anseio de realização e felicidade. Apresenta-se como uma distorção, um verdadeiro obstáculo ao viver. Ela não é só carência; é também lesão, uma ferida que se abre e parece impossível de curar. Priva o ser humano do bem, do bem devido, cuja falta nega a vida. E, além disso, descobrimos a nossa impotência em fazer face a ela, como que nós também mergulhados nela ou parte dela e, por isso, fracos, impotentes, deficientes, sem saída, como se neste jogo as cartas já estivessem dadas, condicionando-nos sem mais.

A corrupção é um mal que se reproduz em cadeia e de maneira excessiva, fazendo com que a vida humana seja para muitos inviável e a luta para continuar a viver não só um tormento, mas ultrapassando as próprias forças. Encontramo-nos diante do “injustificável”, do contraditório encravado na própria existência humana. O escândalo do mal aparece, sob o ponto de vista humano, como “tudo aquilo que impede a humanização do homem” (A. G. Rubio) e atenta contra a natureza em seu frágil equilíbrio.

Armando Serra Negra - Qual a lição do Pecado Original?

Frei Nilo Agostini – A explicação do mal que ficou gravada mais fortemente na história e tradição ocidentais é a que relaciona a existência do mal com o pecado original. A origem do mal vem apontada como consequência do pecado cometido nos primórdios da humanidade. Os textos bíblicos clássicos, que fundamentam esta explicação, são Gn 3 e Rm 5,12-21. O pecado original nos ajuda a tratar devidamente o problema do mal

bem como do próprio pecado. Existe uma “estruturação” do pecado recebida desde as origens e que dá origem a novos pecados. No livro do Gênesis, capítulo 3, nos é apresentado o homem na sua autossuficiência que rejeita o diálogo com Deus e com os irmãos e deturpa o relacionamento com a própria natureza; busca uma autonomia total. Vira as costas para Deus. Isso cria uma situação de desvirtuamento, sentida no decorrer da história do povo bíblico e da nossa também como deterioração da vida social, política e religiosa. Perde-se a noção da responsabilidade, da solidariedade e do cuidado do bem comum.

O próprio Antigo Testamento é revelador de como a própria monarquia, adotada na época, traz os germes da própria deterioração, quando o rei obriga o povo a um trabalho mais duro, se apropriará das mulheres para o seu harém e os filhos para suas guerras, dividindo Israel e provocando a inimizade de Deus. Seja qual for a leitura, o certo é que para o Antigo Testamento, “todos tomamos universalmente parte no que concerne ao pecado, todos somos solidários, ao ponto de sermos um: Adão = todos os adãos” (P.-B. Bonnard). Há uma solidariedade, uma imersão de todos no mal.

Segundo o Novo Testamento, a vitória sobre o mal não será obtida num movimento solitário do ser humano, este buscando garantir-se com suas próprias forças. No caminho de Jesus Cristo, que nos chama a uma vida no Amor e na Justiça, tomamos consciência que é na sua Graça que superaremos o mal e toda forma de corrupção. Jesus travou uma luta contínua contra o mal, pelos caminhos do Amor. Só com Jesus Cristo, sua presença e a atuação de sua Graça, é possível a vitória sobre o mal. A suposição principal é a ação da graça de Deus, que é oferecida gratuitamente, buscando resgatar o ser humano, pois este, sozinho, não é capaz de vencer o mal. Pelo batismo, o pecado é totalmente perdoado, mas atenção, sobram as consequências (uma inclinação para o mal que persiste no ser humano).

Armando Serra Negra – Aproximadamente - ou exatamente - quantas passagens bíblicas (Velho e Novo Testamento) referem-se à corrupção?

Frei Nilo Agostini – Os registros são numerosos. Vejamos alguns textos nos quais ocorrem o termo “corrupção”:

“Por toda parte, sem distinção, sangue e crime, roubo e fraude, corrupção, deslealdade, revolta, perjúrio” (Sabedoria 14,25).

“Lembra-te de teu fim e deixa de odiar; lembra-te da corrupção e da morte e persevera nos mandamentos” (Eclesiástico 28,6).

“Toda corrupção e injustiça desaparecerão, mas a fidelidade permanece para sempre” (Eclesiástico 40,12).

“Não deixarás o teu Santo experimentar a corrupção” (Atos dos Apóstolos 13,35).

“Quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna” (São Paulo aos Gálatas 6,8).

Deus, ao fazer uma Aliança com o seu Povo, já no Antigo Testamento, bem como no Novo Testamento, quer que a fé se irradie na vida do povo e vá criando uma sociedade diferente daquela experiência de escravidão lá do passado, no Egito. Não só. Combate também todas as formas de discriminações e idolatrias. Importa viver segundo o Direito e a Justiça, construindo uma sociedade justa e fraterna. Esta é a tarefa do Povo da Aliança. Até o rei, escolhido de Deus, é servidor, é pastor, é juiz; ele recebe de Deus as virtudes do direito e da justiça; ao buscar o desenvolvimento e a prosperidade de todos, deverá ter um cuidado especial para com os fracos e os oprimidos.

O rei recebe de Deus as virtudes do direito e da justiça (Sl 72,1; cf. Is 9,5; Jr 22,3.15 etc), não descuidando da prosperidade e desenvolvimento de seu povo. A sabedoria e a prudência do rei fazem com que sejam escolhidos os melhores dentre o povo para administrar e defender o povo. A unção com o óleo lembra que o rei é investido do Espírito de Deus para que possa salvar seu povo, julgá-lo e governá-lo, participando da ação de Deus (cf. 2Sm 7,14; Sl 2,7; 110,3; 89,27). O rei é o protetor do seu povo.

Os Profetas, no Antigo Testamento, foram os que mais denunciaram as rupturas da Aliança de Deus com o seu povo, fazendo seguidas menções a questões sociais bem como ao modo de viver a religião. Para eles, o ideal era buscar o *direito* e *justiça* (*mišpat* e *sedaqâ*). Não deixam de apontar para problemas os mais diversos: a administração da justiça nos tribunais, as injustiças praticadas no comércio, o drama da escravatura, a concentração de terras, as injustiças nos salários, os pesados tributos e impostos, a cobrança de juros e apreensão de bens como garantia de empréstimos, o roubo, o assassinato, o luxo e a riqueza, a ganância. Os substantivos *dinheiro* e *ganância* (no sentido de *besa'*) são os mais usados pelos profetas.

“Ai dos que planejam iniquidade e tramam o mal já em seus leitos!”, profere o Profeta Miquéias (2,1). “Que o direito flua como água e a justiça como riacho perene”, podemos afirmar seguindo o pensamento do Profeta Amós (5,21-24).

Jesus, por sua vez, fala a todos: “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33a). Ao anunciar o Reino de Deus, Jesus apresenta as sementes que o farão crescer: um mundo de justiça, de paz e de igualdade. Buscar o Reino de Deus constitui o fim último e a sua justiça é o caminho que conduz a ele. A comunidade cristã primitiva sabe, como São Tiago, que não pode faltar a voz profética para defender os pobres dos exploradores (Tg 4,13-5,6). São Paulo adverte os coríntios que a Eucaristia não pode conviver com as desigualdades, nem ser o lugar de uns poucos se empanturrarem e se embriagarem, enquanto outros passam fome (Cf. 1Cor 11,17-34). “Todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, como também não é de Deus quem não ama o seu irmão”, afirma São João (1Jo 3,10).

Armando Serra Negra - O que a corrupção significa para Deus?

Frei Nilo Agostini – A relação com Deus, já no Antigo Testamento, exige que se viva segundo o direito e a justiça. Os profetas já assinalavam que toda injustiça é sempre cometida diante de Deus. Por isso, a fé em Deus nos faz viver intensamente estes dois valores básicos, com forte ressonância no social. “Deus não é indiferente frente às injustiças que oprimem o homem. A imagem que o Antigo Testamento apresenta é a de Deus que se levanta de seu trono para libertar o pobre quando este é pisado (especialmente o órfão e a viúva)” (Tony Mifsud). “Javé, vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, o valente, o terrível, que não faz acepção de pessoas e não aceita suborno; o que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa” (Dt 12,17-18). “Quem quiser gloriar-se, glorie-se disto. De compreender e conhecer que sou o Senhor que pratico o amor, o direito e a justiça na terra. Porque é disto que eu gosto – oráculo do Senhor!” (Jr 9,23).

Os autores do Novo Testamento estão também cientes dos perigos das riquezas, quando a nossa atitude diante delas é de cobiça ou de avareza (Lc 12,13-21), o que provoca a corrida pela acumulação de riquezas (Mt 6,21-22). Fala-se, então, do poder negativo das riquezas (Mc 4,19; Mt 13,22; Lc 8,14). Daí resulta que não se pode, neste sentido, servir

ao mesmo tempo Deus e o dinheiro (Mt 6,24; Lc 16,13). Com esta atitude, há dificuldade para os ricos entrarem no Reino dos Céus (Mc 10,23-27; Mt 19,23-26; Lc 18,24-27). Entendemos, assim, as recriminações contra os ricos (Lc 16,1-15.19-31; 6,24-36; 1,52-53).

Para São Paulo, é a avareza a que mais se opõe à ordenação cristã dos bens temporais. Ela é uma espécie de idolatria (Cl 3,5; Ef 5,5), na medida em que o avarento coloca seu fim último nos bens deste mundo. Para São João, a possessão das riquezas provoca o ‘orgulho da vida’; de nada vale se ao ver o seu irmão passando necessidade lhe fechar o coração. “Como poderá habitar nele o amor de Deus?”, pergunta-se São João (1Jo 3,17). São Tiago fala da situação precária do rico que “passará como a flor do feno” (1,10-11) e cita claramente duas categorias de maus ricos: os comerciantes presunçosos, que só pensam em ganhar dinheiro (4,13-17), e os ricos vorazes, que vivem no luxo e devassidão sem pagar seus empregados (5,1-6).

A única forma de encontrar Deus é “amando o bem e instaurando a justiça” (Am 5,15). Estudiosos sérios demonstram com clareza, que “todo o resto é pura fuga, busca inútil, que reflete no fundo um autêntico desinteresse por Deus” (José Luís Sicre).

Armando Serra Negra - E para a Criação?

Frei Nilo Agostini – A Bíblia é clara em afirmar que “Deus viu que era bom tudo quanto havia criado” (Gn 1,31) ou que “toda criatura de Deus é boa” (1Tm 4,4a). Isto significa que os bens em si são bons. Foram criados por Deus e são a expressão da solicitude do mesmo Deus em favor dos seres humanos (cf. Mt 5,45; 6,25-33; Lc 12,22-31; At 14,17; 2Cor 9,8-11; 1Tm 6,17).

Ocorre, porém, que estes bens são postos sob o domínio do ser humano (Gn 1,28s) para que ele exerça um “senhorio” sobre eles, no sentido de uma reta administração. À medida que o ser humano age assim é que ele realiza “sua semelhança com Deus”; se fizer o contrário, afasta-se dela e torna-se um estranho diante de Deus.

Na época dos escritos chamados “patrísticos” (séc. I ao VI d.C), os autores (denominados Padres da Igreja ou Santos Padres) sublinhavam a importância de uma reta administração dos bens econômicos. Os Padres da Igreja introduziram com clareza o princípio ético, ainda hoje vigente, de que os bens da terra estão destinados a todos os seres humanos. Ficaram célebres os textos de São Basílio e de Santo Agostinho, dos quais destacamos apenas três:

“Tornaste-te um explorador ao apropriar-te dos bens que recebeste para administrá-los” (São Basílio).

“Se alguém se condena, não será pelo simples fato de ter possuído riquezas, mas por havê-las viciado com pensamentos e desejos pecaminosos e tê-las empregado mal” (São Basílio).

“Removida a justiça, o que são os reinos senão um bando de ladrões?” (Santo Agostinho).

Mais tarde, Santo Tomás de Aquino, teólogo famoso da Idade Média, chegou a comentar com muita destreza a importância do “bem comum”. Deixemos soar as suas palavras:

“O que faz injusto um governo é o tratar-se, nele, o bem particular do governante, com menosprezo do bem comum da multidão. Logo, quanto mais se afasta do bem comum, tanto mais injusto é o regime; ora, mais se afasta do bem comum a oligarquia, na qual se busca o bem de uns poucos, do que na democracia, na qual se procura o de muitos; e ainda mais se aparta do bem comum na tirania, em que se busca somente o bem de um” (cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Escritos políticos*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 132).

Armando Serra Negra – Que tipo de pecado configura a Corrupção? É um pecado mortal?

*Frei Nilo Agostini – O mal está na raiz tanto do pecado quanto do sofrimento. No entanto, cabe distinguir o mal cometido e o mal sofrido. Identificamos, mesmo assim, que “uma causa principal de sofrimento é a violência exercida sobre o ser humano por outro ser humano: na verdade, o ‘mal fazer’ é sempre, a título direto ou indireto, causar dano ao outro, conseqüentemente fazê-lo sofrer; em sua estrutura relacional – dialógica –, o mal cometido por este encontra sua réplica no mal sofrido por aquele; é neste ponto de interceção maior que o grito da lamentação é o mais agudo, quando o ser humano se sente vítima da maldade do próprio ser humano” (Paul RICOEUR. *Le mal. Un défi à la philosophie et à la théologie*. Genève: Éditions Labor et Fides, 1986, p. 13s).*

Já na compreensão dos Padres da Igreja, dos primeiros séculos da era cristã, o mal tem sua raiz no exercício da liberdade, o que remete para um ser humano responsável. Ele é

sempre algo inscrito no coração do ser humano, enquanto sujeito livre e responsável, portanto moral. O mal moral aponta para aquele causado pelo ser humano mesmo, que chega a oprimir, espoliar, roubar ou até torturar seus semelhantes, tirando-lhes a esperança de realização. A linguagem religiosa o identifica com o pecado. Trata-se sempre de uma ação humana, passível a um grau de imputabilidade, de acusação e de censura. Quando falamos em imputabilidade, estamos nos referindo a um sujeito responsável, cuja ação é suscetível de apreciação moral. A acusação, por sua vez, aponta para uma ação que violou o código ético da comunidade. A censura representa o julgamento e respectiva condenação da ação que, declarada culpada, merece ser punida. A corrupção pode ser um pecado mortal se reunir as seguintes condições: se a matéria for grave (aqui entram considerações como montantes desviados e o quanto isso lesou os cidadãos e sua dignidade, atentando contra o bem comum), se foi cometido com plena consciência, em plena liberdade e deliberação.

Armando Serra Negra - Genericamente, há alguma lição/punição bíblica para os corruptos e corruptores?

Frei Nilo Agostini – O profeta Miquéias é claro ao proferir a seguinte sentença: “Ai dos que planejam iniquidade e tramam o mal já em seus leitos!” (2,1). E como disse acima, citando Tony Mifsud: “Deus não é indiferente frente às injustiças que oprimem o homem. A imagem que o Antigo Testamento apresenta é a de Deus que se levanta de seu trono para libertar o pobre quando este é pisado (especialmente o órfão e a viúva)”. Vejamos também os textos que seguem:

“Ouvi, vós que esmagais o pobre
e quereis eliminar os humildes do país.
Vós que dizeis: ‘Quando passará a lua nova,
para que possamos vender o grão,
e o sábado, para que possamos oferecer o trigo,
para diminuir a medida, aumentar o siclo
e falsificar as balanças enganadoras,
para comprar o indigente com prata
e o pobre por um par de sandálias,

para vender até os refugos do trigo?” (Am 8,4-6).

“Ai dos que planejam iniquidade
e tramam o mal em seus leitos!
Ao amanhecer o praticam,
porque isto está em seu poder.
Cobiçam campos e os roubam,
cobiçam casas e as tomam;
oprimem o homem e sua casa,
o dono e sua herança” (Mq 2,1-2).

“Não leses o direito do estrangeiro
nem do órfão nem tomes como penhor as roupas da viúva.
Lembra-te de que foste escravo no Egito,
donde o Senhor teu Deus te libertou.
É por isso que te ordeno proceder assim” (Dt 24,17-18).

Armando Serra Negra - Relaçõe e comente, sob o prisma político, as principais passagens bíblicas em que o tema aparece, e suas consequências espirituais.

Frei Nilo Agostini – A minha análise vai na linha de identificar hoje três grandes idolatrias: do dinheiro, do poder e do prazer. Lembro que é na idolatria que o pecado se mostra em toda a sua realidade pernicioso. O Deus verdadeiro não interessa, Ele é desprezado. Nega-se Deus, substituindo-o por algo ou alguém que não é Deus. A idolatria aparece de forma camuflada, como poluição no ar. Não se vê, mas se sente. Seus efeitos negativos aparecem claramente. Estes ídolos exigem sacrifícios e fazem suas vítimas.

Hoje também temos as idolatrias e também as vítimas. Idolatria significa morte que impera de mil formas: pelas estruturas injustas, pela corrupção tão fortemente disseminada, pela morte violenta, massacres, genocídios, desaparecimento de povos indígenas, conflitos armados, morte de culturas, morte religiosa pela proliferação de

seitas alienantes... e toda forma de desumanização. Os ídolos da riqueza (dinheiro) do poder e do prazer são poderosos e insaciáveis.

A idolatria do dinheiro leva ao amor do ouro e que leva ao pecado. Cai na ilusão do ter, sendo a ruína inevitável, pois muitas são as ciladas (1Tm 6,8-10). Não é tanto o dinheiro em si, mas o amor ao dinheiro, o apego a ele. Deus passa a ser menos importante. “Não ajunteis para vós tesouros na terra, (...) pois onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6,19-21). “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24; Lc 16,13). Os bens elevados como absolutos transformam-se em ídolos. E, então, busca a absolutização do poder político, social e econômico, originando toda sorte de violência estrutural e mantendo no subdesenvolvimento os nossos povos.

O ídolo do poder constitui-se no uso do poder de forma totalitária e, por isso, idolátrica. A Conferência latino-americana de Bispos, reunida em Puebla, México, em 1879, já dizia que “é preciso libertar nossos povos do ídolo do poder absoluto” (n. 502). É necessário desmascarar tal ídolo e suas formas de desumanização. Em seguida, é preciso anunciar uma proposta concreta de restabelecimento da justiça, da igualdade dos cidadãos, da dignidade humana etc. O medo e o comodismo, também dos submetidos, participam desta idolatria. A omissão diante das violações, a corrupção que busca vantagens são, entre outros, formas de prestar culto a este ídolo.

O ídolo do prazer é, por alguns, apresentado como a mãe de todos os ídolos, convivendo com o dinheiro e o poder. Forma uma tríade do egoísmo humano. Onde se estabelece este ídolo some a solidariedade, a justiça e a gratuidade. As pessoas valem se possuem “coisas”, tais como sexo, riqueza, beleza, influência, pois estas, idolatrizadas, proporcionam prazer. Deleitar-se, apesar dos sacrifícios humanos, das vítimas! Pornografia, alcoolismo, drogas, prostituição, tráfico de mulheres, mães solteiras, meninas de rua, crianças abandonadas: são muitas as vítimas. O ídolo do prazer é o mais pernicioso de todos os ídolos. Ele se apossa e domina. Confunde o ter com o ser. Cai no consumismo, realizador dos desejos pós-modernos, num individualismo narcisista. Fechados numa visão estreita, os adoradores deste ídolo defendem o aborto e a eutanásia como direitos; acham natural a pornografia e a comercialização do sexo; são tolerantes com a droga; são defensores do divórcio; promotores do luxo e do desperdício e excluem os idosos e inválidos. Mas limpam, penteiam e banham carinhosamente seus animais de estimação, aparam gramas, limpam carros, aveludam

suas vestes... Esta idolatria provoca a perversão da própria cultura como hedonismo, o consumismo e a corrupção.

Armando Serra Negra – Em face da corrupção, como vê a situação política brasileira?

Frei Nilo Agostini – A corrupção em nosso país constitui-se numa presença avassaladora e nefasta que compromete as políticas sociais, invade os órgãos públicos, infiltra-se qual chaga nos poderes da República. Constitui-se numa grave crise ética. Ela já ultrapassou os níveis suportáveis e de decência. A corrupção se alastra na sociedade e invade as próprias consciências, que acabam aceitando como normal o que não se justifica eticamente. Chega-se ao cúmulo da deformação das próprias consciências. Os sinais desta grave crise em nosso país são evidentes e já eram apontados em 1993, no documento “Ética: Pessoa e Sociedade” da CNBB: “Falta honradez na vida pública, profissional e particular. Impressionantes são os níveis de violência, discriminação social, abuso do poder, corrupção, permissivismo, cinismo e impunidade”.

A falta de ética é aqui evocada num lamento por probidade, decência, idoneidade, respeito pelo outro e pelo bem comum. Falta compromisso e honestidade, no âmbito da responsabilidade a mais elementar. Em nosso país, nos deparamos a toda hora com relações de convivência, de simbiose, de cobertura de interesses vários para benesses particulares, em detrimento do público, numa política ou administração de bastidores, com seus conchavos, que compromete o jogo democrático, onera a sociedade e fere a liberdade. Neste cenário, o compromisso e a honestidade são vividos num contexto de sedução permanente, capaz de afastar toda possibilidade de diálogo e exilar a própria ética.

Armando Serra Negra – Se as coisas continuarem seguindo como estão, nessa espiral de corrupção social e política no Brasil, o que acha que poderá acontecer com a sociedade brasileira em termos materiais e espirituais?

Frei Nilo Agostini – Em 1993, no texto já citado da CNBB – “Ética: Pessoa e Sociedade” – já se afirmava: “Sem a superação da crise ética, as atuais mudanças sociais e culturais não poderão conduzir a uma sociedade justa e digna. Ao contrário,

poderá haver uma ulterior degradação das relações sociais e um aumento da injustiça, da violência e da insensatez”.

Encontramo-nos numa situação perniciosa de desequilíbrio vital. O dinheiro ocupa facilmente um lugar central pelo seu poder de sedução e corrupção, por um lado, através do fetichismo das mercadorias, por outro lado. Vivemos a ilusão da felicidade, calcada num consumismo sem freios e num materialismo que não preenche o mundo da vida. Passamos a confundir valores, prioridades e necessidades vitais. Emolamo-nos numa hipertrofia de valores materiais e numa atrofia de valores humanos e espirituais. No limite, deser damos da própria vida.

Neste contexto, o desequilíbrio acima atinge as próprias instituições. Vem à tona, hoje, uma crise de legitimação das próprias instituições. Até a lei, em sua efetivação está debilitada pelo abismo existente entre o que nelas está previsto e a realidade social sugada pela corrupção e falta de ética. A lei não é garantia dos direitos do cidadão, pela parcialidade com que trata nossa população, discricionária no trato dos próprios crimes, favorecendo uns e sendo feroz com outros.

Isto denuncia a nossa sociedade, assaltada pela corrupção. Isto é apenas a ponta do iceberg de um projeto político-social marcado pela parcialidade, pela exclusão, pela onerosa falta de ética. O assalto à “coisa” pública (res-publica) tornou-se o prato cotidiano justamente por parte daqueles que deveriam velar por ela, custodiá-lo em nome do povo.

“O maior desafio da atualidade”, diz-nos o prof. Regis de Moraes, é “repor a ética como referência à capacidade humana de ordenar as relações a favor de uma vida digna”. Ou, como afirmara a CNBB, em “Ética: Pessoa e Sociedade”: Urge “resgatar os valores éticos em todos os níveis da vida nacional”.

Armando Serra Negra – Identifica algum ponto na História em que a sociedade estivesse tão refém da corrupção pública, como hoje, e padecesse tanto por isso?

Frei Nilo Agostini – É difícil pensar que a corrupção seja só de hoje. Ela é, sem dúvida, em nossos dias, uma chaga que onera a vida do país, disseminada por todos os poros da sociedade. Acompanha o ser humano desde os inícios da humanidade. No entanto, sabemos como Portugal utilizou do “degredo” para povoar inicialmente o Brasil, dando

origem a uma terra povoada de males. Relatos não faltam notificando que, para depurar a metrópole, utilizou-se de um mecanismo colonizador que trouxe para cá um grande número de “desterrados da mais vil e perversa gente do Reino” (R. Vainfas).

No entanto, isto não nos autoriza lavar as mãos, em nossos dias, diante da corrupção que achincalha o país. Precisamos tomar consciência do quanto nós mesmos estamos contaminados, tomados por esta chaga, pois introjetamos e muitas vezes reproduzimos este mesmo cenário de corrupção em nosso dia a dia. No entanto, o quadro fica pior quando o próprio Estado mergulha na corrupção, tecendo nos bastidores falcatruas de todas as espécies, num esquecimento de que sua razão de ser é cuidar do bem comum. Nesta tarefa, estão incluídos todos os poderes públicos.

Armando Serra Negra - Há algum momento e local que possa ser comparado ao que acontece atualmente no Brasil?

Frei Nilo Agostini – Sempre que o dinheiro vira um ídolo, ele dita o comportamento social. Ele funciona como o denominador comum, subordina todo o resto. O ser humano, entregue a este ídolo, renuncia à sua liberdade e responsabilidade. Instala-se facilmente a corrupção de toda sorte. Os ídolos do poder e do prazer são aliados perfeitos do ídolo do dinheiro. Na verdade, o dinheiro não tem limites. Seu poder de corrupção é extenso e profundo. Não escapam de sua sedução os políticos, que deveriam cuidar do bem comum, nem mesmo alguns pastores e eclesiásticos de igrejas, que fazem de seu culto ao dinheiro uma forma deslavada e sem escrúpulos de extorsão de nosso povo e aproveitam de sua ingenuidade religiosa.

Deparamo-nos com a cobiça andando solta, sem rédeas. Vale, aqui, lembrar Shakespeare:

“Ouro? Ouro precioso, vermelho, fascinante?

Com ele se torna branco o negro, e o feio formoso,

Virtuoso o mau, jovem o velho, valente o covarde, nobre o ruim

[...] E retira o travesseiro de quem jaz enfermo,

e afasta do altar o sacerdote.

Sim, esse escravo vermelho ata e desata vínculos consagrados;

bendiz o maldito; torna amável a lepra; honra o ladrão
e lhe dá categoria, importância e influência no conselho dos senadores;
conquista pretendentes para a viúva anciã e encurvada.
[...] Oh, maldito metal,
vil prostituta dos homens!”.

Armando Serra Negra – Dê a sua opinião sobre a corrupção no Brasil e no mundo nos dias de hoje, indicando onde fundamentar-se para continuar encarando os fatos cotidianos, fortalecendo-se na esperança de mudança.

Frei Nilo Agostini – Quando um ser humano se dobra diante da idolatria do dinheiro, destrói a possibilidade deste se tornar um meio para o bem comum e deixa de enxergar as pessoas, deslizando facilmente em muitas injustiças, na corrupção e no desrespeito à vida. Distancia-se da ética e já não se interessa em criar reais condições de um desenvolvimento social.

Já pude escrever em meu livro *Ética: Diálogo e Compromisso* que é hora de voltarmos à ética como o alicerce do ser humano desde sua raiz mais profunda. Somos seres éticos por excelência. Precisamos recuperar esta base para o sustento da vida. Qualquer forma de organização entre os seres humanos tem necessidade da ética; isto também vale para os Estados, nos seus Poderes, para os políticos, bem como para todos os cidadãos. A ética mobiliza o ser humano e o torna capaz de discernimento; tem na alteridade o seu lado fecundo de respeito do outro/a; cultiva o diálogo e partilha o mundo, numa afirmação da vida, sem exclusões; identifica na justiça a virtude maior; cuida do bem comum.

Que fiquem longe as palavras aliciadoras, os discursos manipuladores. “Urge sermos responsáveis, aliando compromisso e honestidade. Isso requer respeito das pessoas, coerência nas relações, transparência em qualquer empreendimento. A ética identifica direitos, sem fugir dos deveres; desmascara os ídolos e seus fetiches; combate a corrupção; enxerga as pessoas no face a face e defende a vida” (do meu livro *Ética: Diálogo e Compromisso*).

As autoridades têm, por sua vez, a missão de coordenar, estimular e controlar os esforços dos cidadãos em favor ou na busca do bem comum; esta tarefa não se realizará

com violência, ameaça, medo, demagogia ou corrupção. “A autoridade é, sobretudo, uma força moral. Deve, pois, apelar à consciência do cidadão, isto é, ao dever de prontificar-se em contribuir para o bem comum” (JOÃO XXIII, *Carta encíclica ‘Pacem in Terris’*, nº 48). Desta forma, os cidadãos são convocados a também trabalhar pelo bem comum, bem como têm o direito de gozar dele, em termos de bens materiais e espirituais, com iguais oportunidades. Para isso, deve concorrer o maior grau de justiça possível.

Armando Serra Negra – Deus destruiu Sodoma e Gomorra... O homem ainda deveria temer a ira de Deus?

Frei Nilo Agostini – Desrespeitar a Vida é atrair o flagelo da morte. Deixar de ser ético é cavar um buraco debaixo dos próprios pés; a rigor, viver sem ética é ser ineficaz. “Quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção” (São Paulo aos Gálatas 6,8). Deus quer ser nosso parceiro, tendo até realizado uma “Aliança” com o seu povo, universalizada em Jesus Cristo. Vejamos alguns textos:

"Eis que, hoje, eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: A bênção, quando cumprirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que hoje vos ordeno; a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses que não conhecestes" (Deuteronômio 11,26-28).

"Eis que ponho diante de ti a vida ou a morte, a bênção ou a maldição, escolhe a vida para que vivas, tu e a tua descendência!..." (Deuteronômio 30,19).

"O caminho dos ímpios é como a escuridão e os que nele andarem tropeçarão" (Provérbios 4,19).

"Há caminhos que aos homens parecem direitos, mas o seu fim são a morte e a perdição" (Provérbios 14,12).

"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude" (Jesus, no Evangelho de São João 10,10).

Escrevi no meu livro *Ética: Diálogo e Compromisso* que nos encontramos hoje diante de “um fenômeno humano e societário baseado num subjetivismo individualista crescente. Centrados no indivíduo, segundo a modernidade, e embalados pelo

subjetivismo narcisista, na versão pós-moderna, vemos crescer a relativização em termos de valores, enfim da própria moral. Isto salta aos nossos olhos, em sua forma apequenada, quando se trata de sermos solidários e honestos, de conviver na comunidade (e/ou família) e ser-lhe fiel, de construir a sociedade e ser transparentes e éticos na condução da ‘coisa’ (*res*) pública e de vivermos a fé buscando lastreá-la no direito e na justiça, bem como no compromisso e na honestidade”.

Padre Zezinho tem uma canção “Em Prol da Vida”, na qual podemos ler e cantar:

Diante de ti ponho a vida e ponho a morte
Mas tens que saber escolher
Se escolhes matar, também morrerás
Se deixas viver, também viverás
Então viva e deixe viver!

Armando Serra Negra – Em que termos o livro do Apocalipse abrange o assunto da corrupção?

Frei Nilo Agostini – O termo “apocalipse” significa “tirar o véu” ou “revelação”. O objetivo deste livro bíblico não é tanto falar do fim do mundo ou aterrorizar as pessoas, mas de enfrentar o mundo da dominação do império romano, que sufocava a vida das comunidades cristãs. Ele é um livro de denúncia da opressão e de estímulo à resistência e à perseverança na fé em Jesus Cristo.

Hoje, a leitura do Apocalipse leva-nos a também resistir face à proposta de um individualismo crescente e de um materialismo avassalador. Leva-nos a resistir diante do endeusamento das riquezas, do acúmulo de bens materiais, da corrupção como caminho de enriquecimento etc. Importa aprender a cuidar das famílias, de nossas comunidades e da sociedade como lugares de partilha fraterna e solidária, buscando a justiça e a paz.

O Apocalipse também anuncia o fim de toda opressão e imposição ideológica. Para que haja um novo céu e uma nova terra faz-se necessário uma transformação das estruturas injustas que geram sofrimento e morte.

Armando Serra Negra – Qual sua expectativa pessoal acerca do julgamento do Mensalão?

Frei Nilo Agostini – Minha expectativa é que o julgamento do mensalão se pautasse realmente na justiça, fora do jogo de conivências, pressões, conchavos de bastidores que oneraram a Democracia e desprestigiam a República. Que seja uma lição de cidadania, civilidade e moralidade ao nosso povo. Que isso ocorra em todos os julgamentos realizados neste País, sem distinções de cidadãos; somos iguais em dignidade e iguais perante a lei.

Armando Serra Negra - Qual sua mensagem aos ministros do STF?

Frei Nilo Agostini – Exorto os Ministros à lisura, à imparcialidade, à isenção ante as influências externas. Espero que não tenhamos que repetir as palavras atribuídas ao Cardeal Renard, de Lyon, França, quando disse: “O que é legal não é necessariamente moral”. Senhores Ministros, é a justiça que confere à lei o valor e o reconhecimento, pelo seu lastro profundamente ético.

“Nada é mais destruidor para uma consciência moral que a conformidade coagida” (P. Amselek). Faz-se necessário proteger o ser humano e a sociedade das malhas do arbítrio; salvá-los da absolutização do que é apenas “relativo”, da inflação do autoritarismo, das visões míopes, dos discursos esclerosados, da domesticação do “outro” e da cegueira ideológica.

Em nossa sociedade moderna, o direito tem uma incidência fortemente política, pois está intimamente “imbricado” na organização, no funcionamento e na repartição dos poderes na sociedade. Este é o momento de mostrar competência, isenção e sabedoria. Estejam à altura de sua missão, Senhores Ministros.

Armando Serra Negra – Qual sua mensagem aos réus que serão absolvidos? E aos condenados?

Frei Nilo Agostini – Para ambos, absolvidos e condenados, refletiria as palavras de Santo Agostinho: “Volta à tua consciência, interroga-a”. Igualmente, me colocaria a refletir com eles a afirmação de Albert Einstein: “Somente a moralidade das nossas ações pode nos dar a beleza e a dignidade de viver”.

Fugir da luz é mau sinal. Trazer à luz é sempre benéfico. “Todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas” (Jo 3,20). Aproximemo-nos da luz, pois ela esclarece, nos tira da ignorância, nos dá o norte, a direção. “Quem pratica a verdade vem à luz, para que as obras apareçam, pois são feitas em Deus” (Jo 3,21).